

PENSANDO A COMUNICAÇÃO POLÍTICA: QUESTÕES SOBRE CONCEITOS DE CIÊNCIA, CAMPOS E PARADIGMAS¹

Arthur RAPOSO GOMES²

Luiz Ademir de OLIVEIRA³

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), São João del-Rei, MG

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, MG

RESUMO

A proposta deste texto científico é discutir tópicos e conceitos ligados ao campo científico da Comunicação Social e da Comunicação Política. Para isso, será realizada uma pesquisa bibliográfica visando refletir sobre as características e paradigmas. O referencial bibliográfico é sustentado por nomes clássicos e contemporâneos. Entre as considerações possíveis, está o fato que o conhecimento científico não é algo cristalino e perene.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; política; ciência; paradigmas; epistemologia.

INTRODUÇÃO

Para se discutir ciência e paradigmas, é importante compreender que há diferentes formas de se conectar com o mundo, seja pelo conhecimento religioso, pelo conhecimento filosófico, pelo senso comum ou pelo conhecimento científico. Não há hierarquias de conhecimento. Mesmo no caso da ciência, entende-se, como veremos adiante, que se trata de um conhecimento construído em determinado contexto histórico a partir de um campo com regras, hierarquias e métodos, portanto sujeito a revisões, a disputas de poder. Muitas vezes, a ciência articula-se a determinadas visões hegemônicas de mundo. Nesse sentido, as contribuições de autores, como Michel Foucault (2008) e Boaventura de Souza Santos (1997), são importantes para ajudar a entender a lógica da ciência, do campo científico e das viradas paradigmáticas.

A proposta deste texto é fazer uma pesquisa bibliográfica quanto a tópicos e reflexões sobre o conhecimento científico, a conceituação de campos e a existência de paradigmas na comunicação social e comunicação política. Para isso, serão consultados textos de pensadores clássicos, como o próprio Foucault, Pierre Bourdieu (1987) e Thomas Kuhn (1962), além de pesquisadores contemporâneos, como Luiz Ademir de Oliveira (2011), Marialva Barbosa (2002) e Wilson Gomes (2004).

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação Política e Eleitoral, evento integrante da programação do 27º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 30 de maio a 1º de junho de 2024.

² Mestre e doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPPGCOM/UFJF), Arthur é jornalista e publicitário. Tem especialização em Influência Digital e MBA em Comunicação Corporativa, Planejamento e Gestão. Atualmente, é professor substituto no Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ). E-mail: arthurraposogomes@gmail.com.

³ Bolsista de Produtividade – Nível 2 do CNPq desde março de 2023, Luiz Ademir é docente e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Letras (PROMEL/UFSJ) e do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSJ, sendo mestre e doutor em Ciência Política pelo IUPERJ. E-mail: luizoli@ufs.edu.br

CIÊNCIAS E PARADIGMAS

Em “As palavras e as coisas”, Foucault (2008) diferencia a história do saber ocidental em três estruturas epistêmicas que se sucedem sem nenhuma continuidade. A primeira é a que se conservou até a Renascença; a segunda é a que se impôs nos séculos XVII e XVIII; e a terceira se afirmou no século XIX. Mas o que tipifica essas diversas estruturas epistêmicas, que, por seu turno, qualificariam três diversas épocas culturais? Na primeira estrutura, segundo o autor, as palavras tinham a mesma realidade do que significavam, ou seja, o que as coisas são pode-se ler nos sinais do livro da natureza. Assim, por exemplo, pela forma externa pode-se ver o que é um animal ou uma planta. Igualmente, no caso da moeda, os sinais que indicavam e mediam as riquezas deviam ter, eles próprios, valor real. Para os economistas da Renascença, a idoneidade da moeda para medir as mercadorias e seu poder de troca baseava-se em seu valor intrínseco.

Foucault (2008) explica que, por volta de fins do século XVI e início do século XVII, porém, ocorre profunda transformação, no sentido de que o discurso rompe os laços que o uniam às coisas. Os sinais diretamente perceptíveis, quando não são ídolos enganadores, configuram-se somente com pequenos auxílios para que o sujeito que conhece possa chegar a uma representação da realidade. Assim, por exemplo, Lineu não classifica mais, como se fazia antes, com base em sinais de que se supunha retratassem a coisa (“este pássaro caça à noite”, “este animal vive na água” etc.), e sim com base na identidade e nas diferenças a analisar e descobrir.

Em fins do século XVIII, o saber assume novo aspecto: ele não se detém nem se reduz à representação do visível, mas busca nova dimensão do real, ou seja, a da estrutura oculta. O pensamento e o saber se retraem do âmbito da representação visível para sondar o das estruturas ocultas. Assim, por exemplo, é a estrutura da linguagem ou o sistema gramatical que dá sentido às palavras; é a função biológica que se torna o princípio da classificação dos seres vivos na anatomia comparada; não é o dinheiro, e sim o trabalho necessário para produzir um bem que se torna a medida do valor desse bem. São essas, portanto, as estruturas epistêmicas que, de modo inconsciente, estruturam as práticas discursivas (só aparentemente livres) dos homens em três diversas e descontínuas épocas da história do saber no Ocidente (FOUCAULT, 2008).

Entende-se, portanto, as três estruturas epistêmicas: (a) concepção até a Renascença em que o discurso representava a realidade – a coisa – similaridade entre signo e objeto; (b) fins do século XVI e princípios do século XVII em que o discurso classifica as coisas com base na identidade e nas diferenças a analisar e a descobrir; (c) fins do século XVIII em que não se reduz a representação do visível, mas busca uma nova dimensão do real em que retraem do âmbito da representação do visível para sondar o das estruturas ocultas. Neste caso, o poder deixa de ser entendido como centralizado e visível, mas está disseminado em microestruturas ocultas. Ou seja, o discurso é ideológico, pois camufla estruturas não-vísíveis (FOUCAULT, 2008).

As estruturas epistêmicas de Foucault podem ser pensadas como paradigmas. No caso do campo da Comunicação, pode-se falar em estruturas sistêmicas que marcaram a

primeira fase dos estudos que o processo comunicativo era visto de forma unilateral e a segunda fase em que o processo comunicativo passa a ser compreendido como circular. Isso se fortalece com a emergência e consolidação da comunicação digital.

Autor da obra "A estrutura das revoluções científicas", Thomas Kuhn (1962) advoga por um ponto de vista que considera o desenvolvimento científico como um resultado de articulações analíticas teóricas entre determinados grupos, que podem ser mais abrangentes ou específicos, de cientistas e especialistas: as chamadas comunidades científicas.

Para este filósofo da ciência, antes de qualquer ciência, existe um momento dito como de pré-paradigma: esta fase é caracterizada pela ausência de modelos analíticos rígidos, maior liberdade na área de estudo e dificuldade para formação de comunidades, visto as variedades existentes (KUHN, 1962). A partir do esforço para elaboração de acordos convencionados do olhar científico, é que os paradigmas se formam, isto é, conjuntos de apontamentos que norteiam uma atividade científica, sendo necessário que sejam reconhecidos por uma determinada grupo de pesquisadores. Desse modo, provém a ciência normal, quando é estabelecido um "padrão científico hegemônico" a ser seguido pelos cientistas, que confiam naquele paradigma específico para resolver problemas. Ainda nesta fase, existem as comunidades científicas. Além disso, Kuhn (1962) reflete que a mencionada "confiança científica" no paradigma não é perene: as disciplinas podem registrar casos de anomalias: ocasiões quando os cientistas se deparam com problemas que não são entendidos a partir do então paradigma. Neste momento, os envolvidos refletem se existe expectativa de resolução futura e, em caso negativo, a comunidade científica pode entrar em crise, dando início a pesquisas extraordinárias que podem gerar um novo paradigma.

Esse processo de transição entre paradigmas é conhecido como revolução científica: quando, conforme Kuhn (1962), uma crise provoca novos estudos, que ocasionam novos entendimentos. O autor pontua ainda que, bem como as revoluções políticas, uma revolução científica também pode acontecer por meio de decisão de um subgrupo de uma determinada comunidade, que reúne adeptos o bastante para formar uma nova comunidade científica.

Nesse sentido, Boaventura de Souza Santos (1997) trata do que ele chama da emergência do paradigma da ciência pós-moderna. O autor explica que o atual momento traz questões paradoxais: por um lado, as potencialidades advindas dos avanços tecnológicos e científicos de uma sociedade da comunicação e da informação. Estes recursos hoje são mais evidenciados com as mídias digitais e com as novas possibilidades de interação. Por outro lado, conforme aponta o autor, deve-se lançar uma reflexão cada vez mais aprofundada sobre os limites do rigor científico combinada com os perigos da catástrofe ecológica ou da guerra nuclear. Tal situação também é bem nítida com a crise sanitária que vivenciamos em decorrência da pandemia da Covid-19, desde 2020, principalmente com os discursos contrários as recomendações sanitárias revelando como a ciência pode ser afetada por disputas de poder. Da mesma forma, o século XXI já

convive com novos conflitos como a guerra entre Rússia e Ucrânia, que revela como a tecnologia e a informação podem ser estratégias de guerra: a chamada guerra híbrida.

Santos (1997) caracteriza a ordem científica hegemônica e a crise deste paradigma e aponta para o perfil de uma nova ordem científica emergente. O autor aponta as seguintes hipóteses para tal mudança no campo científico: (1) começa a não fazer sentido a distinção entre Ciências Naturais e Ciências Sociais; (2) há que ter que se operar uma síntese entre estas ciências naturais e sociais; (3) para isso; as Ciências Sociais terão de recusar as formas de positivismo lógico; (4) esta síntese não visa uma ciência unificada, mas tão somente um conjunto de galerias temáticas; (5) à medida que operar esta junção, a distinção entre conhecimento científico e conhecimento vulgar tenderá a desaparecer.

Quanto ao paradigma dominante, Santos (1997) explica que ele se constitui a partir da revolução científica do século XVI e foi desenvolvido nos séculos seguintes basicamente sob o domínio das ciências naturais. Há, segundo o autor, uma separação entre natureza e ser humano. Tal paradigma tem como base o método quantitativo, já que a matemática fornece à ciência não somente o instrumento privilegiado de análise, como também a lógica de investigação. Segundo Santos, o rigor científico está relacionado ao rigor das medições, ou seja, o que não é quantificável é cientificamente irrelevante. Além disso, rompe-se com o senso comum, para que se tenha uma relação causal, dentro de modelos que se tenham controle metodológico. As Ciências Sociais surgem exatamente no contexto de aplicação dos métodos e concepções das ciências naturais aos fenômenos sociais.

Santos (1997) aponta que há uma crise do paradigma dominante. Coloca-se em xeque, por exemplo, o rigor dos números como poder explicativo para os fenômenos sociais. A matemática chega a dados aproximados, mas o tecido social é muito mais complexo. No caso das Ciências Sociais, o campo científico e as práticas dos pesquisadores trouxeram à tona outras questões como as relativas aos contextos em que as pesquisas são feitas, as disputas no campo, a dinâmica dos objetos, as condições sociais, culturais e políticas. São fatores que devem ser levados em conta na prática de investigação científica que antes estava restrita ao campo da sociologia da ciência e passou a ter destaque na reflexão epistemológica.

Santos (1997) afirma que, quanto ao paradigma emergente, pode ser marcado por quatro características: (1) todo conhecimento científico-natural é científico-social que rompe com a dicotomia entre Ciências Naturais e Ciências Sociais. Isso elimina a distinção que havia entre homem, natureza e cultura, como se fossem elementos antagônicos; (2) todo conhecimento é local e total, o que rompe com a ideia de especialização ou segmentação do saber. Isso porque, mesmo sendo local, o conhecimento pós-moderno, é também total porque reconstitui os projetos locais; (3) todo conhecimento é autoconhecimento, porque o conhecimento científico, segundo Souza, ensina a viver e se traduz em um saber prático; (4) todo conhecimento científico visa constituir-se em senso comum. Para Santos (1997), a ciência pós-moderna procura reabilitar o senso comum por reconhecer que o senso comum tem virtudes que enriquecem a relação com o mundo.

COMUNICAÇÃO: CAMPO TRANSDISCIPLINAR E SEUS PARADIGMAS

Se podemos falar de mudanças de paradigmas, tal situação é evidenciada no campo da Comunicação. Antes, no entanto, é importante tecer considerações sobre a ideia de campo científico a partir das contribuições de Bourdieu (1983). Segundo o autor, o campo científico funciona a partir de uma hierarquia, formada a partir de disputas anteriores, em que os dominantes determinam as regras do campo. Ele menciona, por exemplo, que é a comunidade científica que define o que é ou não é científico, podendo passar por variações de acordo com o tempo e o ponto de vista de quem está no poder. O autor comenta que o capital científico envolve a capacidade técnica e o poder social de agir e falar legitimamente em nome da ciência. Para Bourdieu (1983), a autoridade científica não é restrita a um conjunto de capacidade puramente técnica, mas sim, a um poder simbólico, de representação social.

Kuhn (1962) pondera que a ciência pode seguir dois caminhos distintos de progressão: (1) normal e (2) extraordinária ou revolucionária. Ambas possuem abordagens e velocidades de descobertas características. Na primeira, a ciência é caracterizada pela existência de paradigmas, que são delineados em livros e manuais, que reúnem observações, leis e teorias - isto, é, possui um teor acumulativo. Já na segunda, acontece uma alternância de métodos de pesquisa, a partir de criatividade e experimentos, que geram, como consequência, experiências novas e a possível desconstrução de conceitos até então estabelecidos (KUHN, 1962).

Assim como a ideia de paradigma de Kuhn, outra noção importante para se entender a ciência é a noção de campo. Bourdieu (1987) argumenta que a ideia de campo é relacionada a espaços diferentes de vida social, que possuem certo grau de autonomia perante os outros espaços e que possui estruturas sociais e lógica de funcionamentos próprias. Em cada campo específico, existem agentes que disputam por objetos de acordo com os respectivos interesses. O autor pontua que, dentro de cada espaço, existe uma luta interna que instiga a constante concorrência dos agentes, bem como lutas pela conservação ou exclusão de tópicos simbólicos. Para quem ocupa posição de dominação, existe um poder cultural ou científico; enquanto quem está na posição de dominado ou excluído encontra-se numa situação de acatar determinações de quem tem o poder. Dentro do campo científico, isso é evidente quando se reflete sobre algumas áreas do conhecimento que possuem mais poder e maior acesso a recursos e poder de decisão.

No campo científico, quanto maior o poder, maior a autonomia para escolha das regras que norteiam a produção, as condutas, os critérios de avaliação e até as formas de relacionamento com outras áreas (BOURDIEU, 1987). Essa questão é muito presente nas reflexões sobre o campo da Comunicação Social, caracterizado como uma área relativamente nova em busca de consolidação.

Ao propor que a Comunicação seja um campo transdisciplinar, é possível entender que se trata de uma área do saber em que transitam elementos de outros campos do conhecimento, que contribuem para os estudos da Comunicação. Assim, a partir do

conceito de arqueologia do saber, Foucault (2008) aponta que, qualquer campo científico deve ser observado a partir do contexto, do período temporal e das relações epistêmicas com outros campos. Lopes (2003), inspirada na teoria da complexidade de Edgar Morin e no conceito de epistemas, concorda com o estudo da Comunicação como um campo transdisciplinar, a partir da interface com outras áreas do saber, como é o caso da Semiótica.

Sobre a própria Comunicação, Barbosa (2002) defende que se faça discussões sobre o respectivo entendimento enquanto campo autônomo, além das dificuldades enfrentadas pela área e possíveis motivos. Lopes (2000) menciona estudos que sugerem a consolidação do campo da Comunicação no Brasil, a partir da relevância de pesquisa na área, o reconhecimento do campo da Comunicação não é tão robusto. Duas décadas depois, é possível perceber que as reflexões da autora permanecem, sugerindo, bem como Lopes (2000), que justamente o caráter de transdisciplinaridade foi um fator contra a conquista de autonomia da área.

Com o intuito de detectar uma especificidade da Comunicação, o texto de Barbosa (2002) localiza uma "armadilha" enfrentada pela área, que consiste na adoção de objetos empíricos como linha de estudo, "quando, na verdade, o que define um lugar de pesquisa são os procedimentos metodológicos, ao lado da utilização de conceitos plenamente configurados em permanente analogia com o método" (BARBOSA, 2002, p. 3).

A autora elenca contribuições de diferentes pesquisadores de outras áreas que colaboram com o campo da Comunicação, com destaque para Raymond Williams para reforçar a ideia de que "múltiplas teorias - da sociologia, da política, da linguística, da psicanálise e dos tecnólogos - devem estar inclusas nos estudos de comunicação para dar conta do objeto" (BARBOSA, 2002, p. 4). Ela defende que não se trata de estudar efeitos e influências duráveis, mas apontar os meios mais precisos de registrá-los e analisá-los enquanto o processo se realiza.

Martino (2010), por sua vez, considera que um dos obstáculos para o campo da Comunicação é sustentado pelo fato de que foi criado depois de outras ciências terem estudado o fenômeno de comunicação massiva. Destaca-se a maneira em que essa disciplina foi criada, tendo surgido como desdobramento de Ciências Humanas, como Sociologia e Filosofia. Existe a crença de que é justamente esse constante e aberta relação com outras áreas do conhecimento que faz da Comunicação um espaço que envolve várias reflexões e caracterizado como "fonte de permanente vitalidade" (FRANÇA, 2001, p. 12).

O não-protagonismo de pesquisas voltadas à Comunicação estaria relacionado ao processo inverso em que as teorias foram criadas, quando comparadas ao início das Ciências Sociais. França (2010) reitera, por exemplo, que, o começo dos cursos de Comunicação foram os de jornalismo, principalmente, que foram seguidos pela criação de teorias específicas, que complementaram a formação técnica e estruturaram suas dimensões diversas. A autora concorda que a Comunicação herda tópicos, por exemplo, da Sociologia, Antropologia e Psicologia, o que gera um olhar mais rico de perspectivas, mas dificultado pelo aspecto de integração teórica e de metodologia (FRANÇA, 2010).

Segundo França (2010), há uma certa negligência quanto aos fundamentos teóricos da comunicação e suas metodologias. Um dos motivos pode ser devido à falta de relevância que se dá a tais assuntos, visto que existem vários outros dentro da comunicação que são mais interessantes e “glamourosos”, deixando a sistematização acadêmica e epistêmica de lado. A primeira possível explicação para a dificuldade em se estabelecer uma perspectiva comunicacional, como sugerido, relaciona-se ao fato de que não se foi definido um objeto de estudo de caráter exclusivo do campo, fundamental para a sua consolidação. Ela explica que, na formação de um domínio do saber, a definição de seu objeto de estudo é fundadora. Precisa recortar um objeto próprio, para que um novo domínio de conhecimento se constituía, o que é um dos obstáculos da Comunicação.

Os objetos escolhidos em pesquisas são estudos dos meios de comunicação e sobre o processo comunicativo, que são investigados desde o início dos estudos da área, no século XX, e permanecem até hoje, mas com o enfoque no sistema de mídia atual. França (2001) afirma que se não se trata de um paradoxo, uma vez que esses objetos são abrangentes e abrangem diversas áreas. É justamente por isso que não é possível defini-los como exclusivos da Comunicação. Um cientista político, por exemplo, ao analisar uma campanha eleitoral, automaticamente entrará em contato com a influência da mídia nesse processo, o que reforça o caráter de interdisciplinaridade em questão.

PARADIGMAS DA COMUNICAÇÃO: DE UNILATERAL À CONCEPÇÃO CONSTRUTIVA E INTERATIVA

No respectivo texto, Vera França (2010) reflete que, ao longo dos anos, mesmo com as mudanças de correntes de estudo, o objeto analisado não sofreu alteração: desde o início, estuda-se os meios de comunicação e a influência da mídia. No livro, é feito um panorama de estudos, começando pela Escola Americana, na década de 30, destacando o objetivo da escola, focada em estudar funções e efeitos da mídia massiva, sob influência da sociologia funcionalista e psicologia social (behaviorismo) (FRANÇA, 2010). A Escola de Frankfurt surge, também, nos anos 30 até os 80 do século XX: marcada por um grupo de filósofos alemães, que realizou trabalhos sobre estética e crítica da cultura. Essa tradição da crítica destaca-se no ensaio⁴ de Adorno e Horkheimer sobre a Indústria Cultural e, depois, alguns estudiosos recuperam a obra de Benjamin, que trata da reprodutibilidade técnica, e, a partir dos anos pela revisão da teoria feita nos de Habermas (FRANÇA, 2010; OLIVEIRA & FERNANDES, 2011).

Entre os anos 60 e 70, ressalta-se os Estudos Culturais, voltados à análise dos meios de comunicação de massa enquanto espaços de produção da cultura contemporânea, além da sua audiência e recepção, considerando as relações sociais entre os indivíduos. Na América Latina, por sua vez, visto a influência da corrente inglesa dos Estudos Culturais, as pesquisas focam no imperialismo cultural e a comunicação

⁴ ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. Indústria cultural. O iluminismo como mistificação das massas. In: LIMA, L.C. (Org). **Teorias da Cultura de Massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

horizontal - temas que, com o passar do tempo, foram superados e ultrapassados pelos estudos de recepção na comunicação (FRANÇA, 2010).

Para a autora, além de ser caracterizado como um processo de troca de sentidos entre sujeitos, a comunicação ocorre por meio de produção de discursos e está inserida em um contexto em que influencia e pode ser influenciada por ele. Desse modo, os paradigmas precisam ser vistos de maneira ainda mais complexa. E, para conquistar o ponto de vista comunicacional, três pontos precisam ser trabalhados em conjunto: a relação dos interlocutores, as práticas discursivas e o contexto (FRANÇA, 2010).

Do ponto de vista das Teorias da Comunicação, os paradigmas da Comunicação também são marcados pelo paradigma da unilateralidade e da circularidade. Até a década de 70, levava-se em conta apenas o processo de transmissão da informação e desconsideravam o receptor. Importavam-se mais com a técnica e com a transmissão do código, deixando de lado o estudo sobre o papel do receptor. A discussão é que, além das teorias que marcam o chamado Paradigma da Unilateralidade, que são marcadas por uma visão transmissiva do processo comunicativo, em que o emissor tem o controle do processo da comunicação, seja manipulando, persuadindo ou influenciando, como as teorias da Escola Americana e da Escola Europeia, há também as tendências contemporâneas da Comunicação em que prevalece o Paradigma da Circularidade.

A COMUNICAÇÃO POLÍTICA: CAMPO TRANSDISCIPLINAR

O campo da Comunicação Política tem se consolidado como uma área transdisciplinar desde os anos 90, quando houve uma crescente profissionalização das campanhas políticas e eleitorais, tanto no mundo ocidental quanto no Brasil com o processo de redemocratização, com destaque para eleição de 1989 quando o então candidato Fernando Collor de Mello utilizou eficientes estratégias de marketing eleitoral. Desde então, as outras sete disputas presidenciais como as outras eleições no país foram marcadas por contratação de profissionais especializados em comunicação, marketing, pesquisas de opinião pública, publicidade. Até 2014, o foco era, principalmente, os programas do Horário Gratuito de Propaganda Eleitoral (HGPE) no rádio e televisão, que era o principal *locus* das disputas eleitorais. A partir de 2015, houve mudança na legislação eleitoral, reduzindo o tempo do HGPE, de 25 para 10 minutos diários, além da crescente importância das redes sociais, que foi marcante nas eleições de 2016 e 2018, quando *outsiders* (ou candidatos que se intitularam antissistema) como o atual governador de Minas Gerais, e candidato a reeleição vitorioso em 2022, Romeu Zema (NOVO), saíram vencedores.

Isso teve implicações na consolidação dos estudos da Comunicação Política. Em 1995, foi criada a Associação Nacional dos Cursos de Pós-Graduação em Comunicação Social (Compós), que realiza encontros anuais e tem um Grupo de Trabalho voltado para Comunicação Política. Hoje, há 32 cursos de doutorado/mestrado associados e mais 26 cursos de mestrado vinculados. Muitos têm linhas de pesquisa voltadas para a área de

Comunicação Política, como a UFBA⁵, a UNB⁶, a UFMG⁷, a UFJF⁸, a UFF⁹, a UFPR¹⁰, a UFPA¹¹, a UERJ¹². Além disso, em 2006, pesquisadores do campo da Comunicação, da Ciência Política, da Sociologia se juntaram para formar a Associação Nacional dos Pesquisadores em Comunicação Política (Compólitica), que promove encontros a cada dois anos e tem um periódico com publicações semestrais sobre Comunicação Política.

Wilson Gomes (2004), que é um dos pesquisadores de referência na área, aponta três estágios na literatura sobre essa área de conhecimento. Num primeiro momento, há estudos dispersos sobre fenômenos singulares da política, em que já se podia notar uma presença marcante da comunicação de massa ou sobre aspectos da comunicação de massas com incidência na política. “As duas perspectivas estão constantemente implicadas, mas podemos identificar, grosso modo, os estudos sobre voto como uma ilustração do primeiro aspecto e os estudos sobre propaganda como um exemplo do segundo” (GOMES, 2004, p. 17). O primeiro estágio se estende dos anos 20 à metade da década de 40, apresenta uma literatura escassa sobre o assunto e aborda temas isolados pela pesquisa. Segundo o autor, prevalece uma perspectiva instrumental da mídia, que sinaliza para a pouca importância que ainda é dada à comunicação nas suas peculiaridades (estudo sobre a gramática da mídia, as políticas de comunicação etc.). Por outro lado, tende, muitas vezes, a exagerar e a tratar os meios de comunicação com um poder de grande manipulação sobre o público.

Nos anos 60, conforme explica Gomes, desponta uma nova abordagem sobre os estudos de comunicação e política. O autor destaca como fator preponderante, no Brasil, a autonomia crescente da indústria cultural, principalmente com a consolidação da televisão no país. Isso faz com que se deixe de pensar a mídia apenas como um instrumento de manipulação e se passe a vê-la como instituições, até porque se tem o crescimento do poderio da Rede Globo e o impacto da programação da emissora sobre o imaginário popular. “Entre os anos 60 e início dos anos 70 o foco das considerações muda. A comunicação havia se transformado muito rapidamente numa indústria potente e espalhada pelo mundo e a prática política que se apoiava na comunicação de massa já se difundia pelas grandes democracias do planeta” (GOMES, 2004, p. 21). Conforme frisa o autor, “de instrumental e envergonhada”, a comunicação de massa e a indústria cultural passam a ser o centro da vida social.

No contexto dos anos 90, principalmente a partir da profissionalização das campanhas políticas, tendo como marco a eleição de 1989, surge uma nova corrente, que busca entender a comunicação política como um campo interdisciplinar entre a comunicação e a ciência política. Gomes (2004), para uma análise dessa interface,

⁵ Universidade Federal da Bahia

⁶ Universidade de Brasília

⁷ Universidade Federal de Minas Gerais

⁸ Universidade Federal de Juiz de Fora

⁹ Universidade Federal Fluminense

¹⁰ Universidade Federal do Paraná

¹¹ Universidade Federal do Pará

¹² Universidade do Estado do Rio de Janeiro

trabalha, como recurso didático, com a dicotomia entre hipermidiáticos (autores, livros e teses que identificam um certo controle da comunicação de massa, bem como de seus meios, recursos e instituições sobre a cultura e a política) e os hipomidiáticos (aqueles que ainda veem a cultura de massa como apenas um fator do mundo contemporâneo, sem grandes interferências na sociedade e na política). Em sua discussão, Gomes (2004) procura apresentar as especificidades dessa nova área do conhecimento – a Comunicação Política. Gomes destaca alguns aspectos relativos à interface entre as esferas da comunicação e da política daquele momento aos dias atuais: (1) a política contemporânea, seja no exercício do governo ou na disputa eleitoral, estabelece uma relação estreita com a comunicação midiática; (2) as estratégias eleitorais e políticas pressupõem uma cultura política centrada no consumo de imagens públicas; (3) essas estratégias, para serem eficazes, necessitam de instrumentos e profissionais capacitados em marketing, sondagem de opinião, planejamento de campanha, entre outros aspectos; (4) as ações da política são, hoje, direcionadas para públicos que se tornaram uma audiência dos meios de informação; e (5) supõe-se que essa audiência possa ser convertida em eleitores nos períodos de disputa política.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento científico não é algo cristalino e perene: pontos de vista, interpretações e processos metodológicos, por exemplo, podem ser revistos, reformulados ou mesmo abandonados, a partir de crises de paradigmas.

É possível destacar também a importância do fator contextual às práticas científicas do campo das Ciências Sociais Aplicadas, entre as quais se incluem a Comunicação: um campo relativamente novo quando comparado com outras áreas do saber, caracterizado pela transdisciplinariedade e que reúne elementos, por exemplo, da Psicologia, Antropologia, Sociologia e Administração - esta última, tão presente no início dos estudos e profissionalização de campanhas eleitorais, a partir da atuação de marqueteiros políticos. Nesse sentido, ainda vale reforçar a importante atuação das comunidades científicas, em âmbito nacional ou internacional, que contribuem com a consolidação do campo a partir de iniciativas, como eventos e periódicos qualificados, embora implique em normas e hierarquias que, de certo modo, podem ser questionáveis e discutidas. Essa liberdade para mudanças de paradigmas pode e deve ser algo inato às pesquisas da Comunicação, cujo as teorias, historicamente, são marcadas por transformações de pontos de vista e que enriquecem os olhares científicos a partir da interface, ou não, com outros campos, que também trabalham com objetos comuns aos comunicólogos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Conceitos, armadilhas e olhares: apontamentos metodológicos para a consolidação de um campo transdisciplinar. **Ciberlegenda**, 2002. Disponível em

<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36820/21395>. Acesso em 05 de agosto de 2022.

BOURDIEU, Pierre. O campo científico. *In*: ORTIZ, R. (Org). **Pierre Bourdieu: Sociologia (Grandes Cientistas Sociais)**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1987.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FRANÇA, Vera Regina Veiga. O objeto da comunicação / A comunicação como objeto. *In*: FRANÇA, V.R.V; HOHFELDT, A.; MARTINO, L.C. **Teorias da Comunicação. Conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. p.39-60.

FRANÇA, Vera Veiga. Paradigmas da Comunicação: conhecer o quê? **Ciberlegenda**. 2001. Disponível em: <<https://periodicos.uff.br/ciberlegenda/article/view/36784>> Acesso em 07 ago 2022.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

KUHN, Thomas Samuel. **A estrutura das revoluções científicas**. 1962.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação**. Formulação de um modelo metodológico. São Paulo: Loyola, 2000.

OLIVEIRA, Luiz Ademir de; FERNANDES, A.B. Espaço público, política e ação comunicativa a partir da concepção habermasiana. **Estudos Filosóficos**. Nº 6, 2011, p. 116-130.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. Porto: Edições Afrontamento, 1997.